

O fenômeno imigratório e o futebol¹

Roberto Di Giano (autor)²

Maycon Emílio Vicente Alves (tradutor)³

RESUMO

No final do século passado (XIX), o futebol encontrou incentivo pela elite argentina, desejosa de desfrutar do atraente esporte importado pelos ingleses. Nos primeiros anos da década de 1910, ocorre a expansão do futebol no meio dos setores populares, liderado pelos filhos dos imigrantes. Este artigo analisa, por meio da imprensa da época, como as classes privilegiadas percebem a popularização do futebol entre os imigrantes.

Palavras-Chave: Futebol Argentino. Imigração. Setores Populares.

Durante o período do centenário ainda ressoava com certa força o eco de uma potente ideia de longa duração na Argentina. Era a ideia que defendia que a imigração tornava-se um importante fator de civilização para nossa sociedade, principalmente se aqueles que vinham de outro continente fossem anglo-saxões. Seguindo essa linha de raciocínio, os nativos careciam de atitudes necessárias para facilitar a construção de uma sociedade moderna ao estilo dos países europeus mais avançados.

Embora a maior parte da elite vernácula considerou por muito tempo que para o desenvolvimento de um modelo econômico liberal com fortes características estrangeiras havia grupos humanos de melhor qualidade que outros, avaliou também, de modo geral, que para modificar substancialmente a fisionomia tradicional de nosso país era igualmente um fator positivo atrair europeus de outras nacionalidades menos “desenvolvidas”. Desse modo, milhares de italianos e espanhóis invadiram nosso país ano após ano.

Entretanto, para o período que se aproxima do centenário há consenso dentro da elite política e econômica, que vieram muitos imigrantes agitadores, que não se entendem como sujeitos agentes de progresso, da forma que havia sido pensado, mas sim com elementos de perturbação da ordem social estabelecida, desenhada pela elite em seu restrito círculo intelectual. E essa mudança de entendimento a respeito do fenômeno da imigração estaria

¹Texto original: DI GIANO, Roberto. El fenómeno inmigratorio y el fútbol. Revista Digital. Lecturas: Educación Física y Deportes. Buenos Aires. Año 4. N° 13., mar. 1999. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd13/rdg.htm>> Acessado em: 15 de jan. de 2022.

² Lic. em Sociologia (UBA). Membro fundador e integrante ativo da Área interdisciplinar de Estudos do Esporte da Universidade de Buenos Aires. Ex-docente da Universidade de Morón, Província de Buenos Aires, e da Faculdade de Ciências Sociais, UBA.

³ Doutorando no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista CAPES. E-mail: maycon.alves@aluno.ufop.edu.br

expressa na Lei de Residência (1902) e mais tarde na Lei de Defesa Social (1910), em que se estabelece que cabe ao Estado argentino atuar rapidamente para separar os elementos bons dos ruins.

No que concerne em específico ao ambiente do futebol local, o peso da cultura anglo-saxônica seguia sendo forte naquele período. É que foi durante anos o grande paradigma a ser imitado para os membros da elite argentina, que se inclinou com entusiasmo para desfrutar deste atraente esporte trazido ao país pelos ingleses, que formaram em 1893 a primeira Liga de Futebol.

Desta maneira, os integrantes das classes dominantes organizaram clubes desportivos a maneira dos construídos pelos ingleses que haviam chegado em seu país. estabeleceram-se diretrizes claras de discriminação por meio de requisitos exigentes para se associar, e, especificamente na prática desportiva se manterá rigorosamente o *fair play*. Como explica Julio Frydebberg: “elitismo e *flair play* estiveram fortemente unidos” (1958, p.51)

Os Clubes Populares

Por outro lado, nos primeiros anos deste século surgiram vários clubes originados de setores populares, que tinham um caráter aberto e estavam distantes da lógica do *fair play*, no que se refere ao desenvolvimento do jogo, já que seus atletas adotaram outros tipos de atitudes e comportamentos mais relacionados ao seu próprio contexto social.

De forma precisa, o objeto deste artigo é descrever e refletir sobre o modo em que os setores privilegiados da sociedade argentina percebem o processo de expansão do futebol nos setores populares, processo majoritariamente liderado por filhos de imigrantes espanhóis e italianos e seus descendentes que se verificava nos primeiros anos da década de 1910.

Para isso será analisado o discurso que circulou durante o ano de 1913 na sessão *Sport*, mais precisamente o espaço dedicado ao futebol, em um dos jornais de maior prestígio e difusão da época: *La Nación*⁴. Fundado em 1870 por Bartolomé Mitre, um ilustre representante da classe dominante argentina a qual o jornal representaria em muitos aspectos, entretanto sempre afirmando traços próprios. No que diz respeito especificamente ao futebol, o jornal apresenta

⁴ É interessante ressaltar que o matutino *La Prensa*, que juntamente com *La Nación* constituía-se como um dos jornais mais importantes do país, havia nacionalizado o termo inglês *sport* ao denominara sessão de *Deportes*.

aporte interessante ao jogar um jogo duplo. De um lado, informa a seus vários leitores sobre os acontecimentos dos campeonatos locais (informações sobre as equipes e faz comentários das partidas); de outro, oferece seu ponto de vista sobre as diversas questões relacionadas com o desenvolvimento do futebol em nosso país, com a intenção de educar os leitores, sendo este um importante objetivo do jornal. Assim, o matutino combina, muitas vezes, a explicação e as normas, sendo esta última questão a que mais nos interessa neste artigo.

O ano eleito para nossa reflexão é muito importante, porque a partir de 1913 começa a ganhar força uma importante ruptura cultural dentro do campo do futebol. Uma equipe surgida dos setores populares torna-se campeã do torneio da primeira divisão organizado pela Associação Argentina de Futebol.⁵ A equipe do Racing Club desloca deste lugar de privilégio aqueles que o ocupavam até então: Alumni, time típico de descendência inglesa, e Quilmes, um clube formado por membros da elite de descendentes europeus do mesmo modo que os ingleses, e que recebe em seu time alguns jogadores da equipe Alumni quando este saiu da competição em 1912.

É a partir de então que esse tipo de clube de futebol começa a predominar na Argentina. Os clubes tornam-se espaços de sociabilidade em que os filhos de imigrantes italianos e espanhóis se integram com descendentes de imigrantes de classes média e baixa. Essas associações serão coloridas desde o início por aquela imagem estereotipada construída pelos setores hegemônicos, que subestimam a capacidade desses grupos populares.

Especificamente, nesse momento, quando coexistem formas de jogar futebol que correspondem a contextos sociais diferentes (por um lado, o de grupo que representa uma pequena minoria que se autodeclara “pessoas de bem” e, por outro, o grupo que integra todo o restante da população), *La Nación* começa a criticar os jogadores jovens que surgem dos setores populares e começam a se destacar, os chamados “cracks”.

Como parte de uma estratégia de desvalorização, o jornal começa a comparar as características que possuem tais personagens, que estavam alcançando reconhecimento popular, com outros que já eram reconhecidos no ambiente esportivo tradicional. Um desses foi Jorge

⁵ A Associação Argentina de Futebol foi o único órgão dirigente deste esporte de 1893 a meados de 1912, quando de uma cisão produzida dentro dela se formou a Federação Argentina de Futebol. O jornal *La Nación*, que informava constantemente sobre as duas ligas, aprovou a existência de ambas, uma vez que, segundo seu posicionamento, gera uma saudável competição que o jornal associa a uma maior democratização do ambiente futebolístico, já que, antes de 1912: “a Associação governava sem nenhum rival à frente. Talvez por isso não se tenha visto nela o espírito de iniciativa necessário para um progresso firme e determinado...” (9.9.1913)

Brown, integrante da equipe Alumni (que era formada por ex-alunos de um dos colégios ingleses instalados no país). Outro foi Rithner, do Club Porteño, uma instituição criada tendo como paradigma o Alumni, da qual participaram ingleses junto com nativos de ascendência.

Assim, o jornal *La Nación* dirige-se a seus leitores da seguinte forma ao descrever aquele atleta que surgia, o *crack*, que acabou se tornando um arquétipo fundamental do futebol de descendentes de imigrantes europeus:

Não é este um excelente jogador. Não é um Rithner ou um Jorge Brown, pois estes jogadores são considerados melhores porque, além do seu jogo, por carregarem um espírito desportivo são colocados num plano superior (27.1.1913)



Fig. 1 - Equipe e jogadores do Colégio Industrial de Barracas. Buenos Aires, 1943.

Em outras palavras, este jogador primoroso, que surgiu da cultura popular, é olhado pelo jornal com grande desconfiança – baseia-se na presunção da superioridade da cultura esportiva anglo-saxônica em relação à insuficiência da nossa, e merece a reprovação do diário apesar de muitos fãs levantarem sua figura:

O crack é um jogador de renome entre um certo público que gosta de seus malabarismos, sempre ineficazes, que não passa a bola e às vezes faz gols lindamente com muito drible, apenas pelo seu esforço... (27.1.1913)

Desta maneira o jornal *La Nación* ofereceu a seus leitores, além das informações esportivas habituais, seu ponto de vista com o objetivo de influenciar e orientar a percepção e

avaliação coletiva. Ele atribui uma imagem negativa a esse estilo de jogo que floresce no campo dos setores populares:

O crack não é um jogador eficiente (...) Ele faz implorar, impõe condições, chega a pedidos que às vezes contradizem o esporte, em dias de jogo é preciso ir para casa procurá-lo para jogar (...) e uma vez em campo é negligente ou briga com o adversário... (27.1.1913)

O Jornal constrói assim uma imagem estereotipada deste recém-formado jogador argentino, que irá transcender o mero papel de futebolista, atingindo também a sua vida privada. As suas principais características serão a preguiça e a irresponsabilidade, elementos que o distanciam completamente da ambição e brio do jogador de ascendência anglo-saxônica, que é o modelo por excelência. Outra crítica ao *La Nación* aponta para nomes “incomuns” escolhidos por integrantes dos setores populares ao fundarem clubes de futebol:

o descuido e a falta de critérios que regem a designação das novas federações terão sido notados mais de uma vez (...) Chamar um clube de ‘Os filhos do sol’, por exemplo, seria simplesmente ridículo. Mais do que denominação para um clube desse tipo, seria um bom nome para uma instituição recreativa ou carnavalesca... (20.3.1913)

Dessa forma, então, podemos visualizar como naquele momento o *La Nación* estabelecia uma série de qualificações negativas sobre alguns aspectos relacionados à estruturação dessas novas associações esportivas, que implicam incipientemente, especificamente na prática do futebol, uma nova forma de jogar que irá justificando com o tempo um rosto próprio (além do estabelecimento de atitudes e comportamento singulares dos jogadores fora e dentro do campo).

Este jornal, com uma longa história em nosso país, tenta assim cumprir um papel normativo em muitos aspectos, sempre protegido por aquela forte referência que constitui, para ele e para a elite argentina em geral, a cultura esportiva anglo-saxônica.